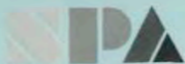


AUGUSTO SOBRAL

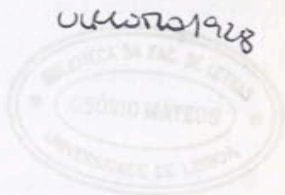
ABEL

ABEL



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

AUGUSTO SOBRAL



A Peça "ABEL ABEL" foi estreada a 18/5/84 no TEATRO DO BAIRRO ALTO

Encenação: **ABEL ABEL**

Assistência de: Peça em 3 tempos

Distribuição: Mãe — GLICÍNIA QUARTIM
Albino — ROGÉRIO VIEIRA
Abel — JOSÉ WALLENSTEIN

Esta peça obteve o Prémio da Crítica para a melhor original portuguesa do ano 1984.

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores
2.ª Série

AUGUSTO SOBRAL



ABEL ABEL

Peça em 3 tempos

1.ª Edição: 1992

Tiragem: 1 500 exemplares

Capa de: Judite Cília

Edição: SPA — Av. Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Impressão: Óptima Tipográfica — Casais da Serra — Malveira

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

Depósito Legal: 34908

Sala de entrada de uma casa térrea. Ao fundo uma porta para o exterior, por onde entra uma luz intensa que traz ali a noite e a presença, embora não iguais, do lado de fora.

A casa não é de construção recente e terá sofrido várias alterações ao longo do tempo, tendo perdido qualquer carácter, evidenciando em todos os seus detalhes a solução de remediar ainda que nada e talvez com pretensões contraditórias.

Na sala uma cadeira azul ou um seu semelhante sobre um tapete bege.

A Peça "ABEL ABEL" foi estreada a 18/5/84 no TEATRO DO BAIRRO ALTO.

Encenação: ROGÉRIO VIEIRA

Assistente de Encenação: CARLOS FOGAÇA

Distribuição: Mãe — GLICÍNIA QUARTIM

Albino — ROGÉRIO VIEIRA

Abel — JOSÉ WALLENSTEIN

Esta peça obteve o Prémio da Crítica para o melhor original português do ano 1984.

Sala de entrada de uma casa térrea. Ao fundo uma porta para o exterior, por onde entra uma luz intensa que nos dá a sentir a presença, embora não figurada, do lado de fora.

A casa não é de construção recente e terá sofrido várias adaptações ao longo do tempo, tendo perdido qualquer carácter, evidenciando em todos os seus detalhes a solução de remedeio ainda que hábil e talvez com pretendida comodidade.

Se era uma casa rural ou um seu anexo hoje sobrevive numa zona suburbana e talvez que para além da porta exista ainda uma pequena área de terreno onde se plantam hortaliças, batatas...

Mas que não seja nítido, ou tão nítido que prejudique o ambiente geral de esterilização da terra.

Baldios, vazadouros, construções industriais clandestinas... adivinhados.

No interior da casa há ordem.

Mesa, cadeira, um eventual aparador, ou um frigorífico, estão onde devem estar, muito embora se deva sentir que nada tem ali o seu lugar próprio.

Cada coisa está ali apenas porque será necessária.

Isolada no meio da cena, uma cadeira de rodas, já bastante velha.

Além da porta para o exterior mencionada há ainda uma ligação para outras dependências da casa.

É através dela que entra em cena um homem ainda novo. Vem em mangas de camisa e traz vestidas umas calças vulgares, de mau corte.

No exterior, um ruído de motor de automóvel velho.

O homem dirige-se à porta que dá para o exterior e olha para fora observando.

Quando o motor pára, volta-se de novo para o interior,

vindo sentar-se na cadeira de rodas e pondo uma manta sobre os joelhos.

No limiar da porta surge outro homem de idade muito aproximada, mas talvez mais novo, uma vez que em contraste com o outro homem, este denota preocupar-se com o seu aspecto.

O homem sentado na cadeira (Albino) poderá ensaiar de início um ar paternalista que não resulta junto de Abel, nem deverá ser completamente convincente.

O 2.º homem, Abel, avança na cena sem dizer palavra, caminhando para o interior.

ALBINO — És capaz de me dizer por onde tens andado?

(Abel não responde).

ALBINO — Não és capaz de me dizer por onde tens andado.

(Mesmo jogo).

ALBINO — Nem sequer és capaz de me dizer por onde tens andado.

ABEL — A ti, ao menos, não é preciso perguntar-te...

ALBINO — Como queres tu que eu saia daqui sem alguém para me empurrar a cadeira.

ABEL — Já te disse por mais de uma vez que te posso comprar um motor, quando tu quiseres.

Com a cadeira e com um motor podes ir para toda a parte...

Ninguém se deve deixar vencer pela adversidade da vida. É que se não fosse a adversidade a humanidade nunca tinha progredido. Às vezes até é bom

que as pessoas sejam postas perante a adversidade. Depois ficam os melhores, aqueles que conseguem resolver os problemas. Não quero que te deixes ficar para trás... A solução dos problemas aparece sempre, quando a gente pensa que já está tudo completamente perdido. Quanto mais perdidos estivermos, melhor é a solução.

ALBINO — Eu não tenho dinheiro para te pagar o motor.

ABEL — Podes vender lotaria e pagar o motor aos "bochechos". Não podes é ficar eternamente à minha espera para sair daqui...

Não estamos sòzinhos no mundo...

O melhor é nunca contar muito com os outros.

Mas às vezes se soubermos jogar com os outros...

Às vezes no meio de tudo isto até ainda há gente que tem a mania dos bons sentimentos...

Ou se calhar é o sentimento de que o mal até os pode atingir a eles também...

E portanto com bons sentimentos esta vida sempre lhes mete um bocado menos de medo.

Joga nessa...

Quando passar alguém lá fora... Chama, grita, se for preciso. Atira-te da cadeira abaixo, vai de rastos até à rua...

ALBINO — Eh! Eh! Eh!... *(transição)*.

Queres comer alguma coisa?

ABEL — Não me apetece...

(A mãe entra sem notar a presença de Abel).

A MÃE — Lá estás tu outra vez, sentado nessa maldita cadeira.

Não há meio de perderes essa mania.

Sai daí, não ouves?

Levanta-te dessa maldita cadeira de rodas...

Ó meu Deus... Mas o que será preciso?...

ALBINO — *(Levantando-se)* Pronto!...

ABEL — O milagre!

A MÃE — Ah! Estás cá hoje?

(Abel aproxima-se da mãe, beijam-se).

A MÃE — Por onde é que tens andado?

ALBINO — Ele não diz...

A MÃE — *(Tirando a cadeira de rodas do meio da cena e arrumando-a encostada a uma parede)* O que é que ele não diz?

ALBINO — Por onde tem andado...

A MÃE — E tu se queres saber, porque não vais com ele?

(Acaba de arrumar a cadeira).

A MÃE — Ai Abel! Abel!... olha, tu que andas sempre nesses negócios de sucata, a levar e a trazer, é que podias perfeitamente tirar esta porcaria desta cadeira de casa para fora.

ALBINO — E se o velho, um dia, entra outra vez pela porta adentro...

A MÃE — E tu que não falasses no velho...

Ora, o velho nunca mais volta...

Como é que ele há-de voltar?

O que eu pergunto a mim própria é como é que ele conseguiu sair daqui...

ABEL — Passou a quinta a patacos...

Agradeça-lhe ter-nos deixado a casinha...

Se ainda ninguém lhe tocou aqui na casa, pode

ter a certeza: é que ele este bocado aqui não vendeu...

Dê-lhe graças...

A MÃE — O que eu pergunto a mim própria é como é que ele conseguiu sair daqui... Já não falo de depois de tantos anos ele sair assim sem dar uma palavra... O que eu pergunto a mim própria é como é que ele conseguiu sair daqui... Não podes calcular as vezes que eu fico acordada de noite a perguntar a mim própria como é que raio, o velho (*emendando*)... o senhor... terá desaparecido, assim, sem levar a cadeira, parálítico como ele estava, há tantos anos...

Tinha eu de lhe dar o comer à boca...

ALBINO — Alguém o levou...

A MÃE — O quê?

ALBINO — Alguém levou o velho... É o que eu lhe estou sempre a dizer.

(A mãe tem uma reacção de encolher de ombros e alheia-se de Albino como se ele não merecesse resposta).

A MÃE — *(para Abel)* Queres comer?

ABEL — Não me apetece...

Vim cá trazer uma coisa...

Adivinhe lá o que é?...

A MÃE — É um café, não queres?

Vou fazer café...

(para Albino)

Tu também queres?

(Sem aguardar resposta de ambos).